



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

"Lá onde Isso era, [eu] devo devir"¹: comentário sobre a Lição 21 do *Seminário 6*, de Lacan²

Virgínia Célia Carvalho da Silva

Orcid: [0000-0001-8145-5565](https://orcid.org/0000-0001-8145-5565)

Psicanalista

Membro da Escola Brasileira de Psicanálise/EBP e da Associação Mundial de Psicanálise/AMP
Doutora e Mestre em Estudos Psicanalíticos pela Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (Belo Horizonte,
Minas Gerais)

E-mail: virginiacarvalhopsicanalise@gmail.com

Resumo: O presente trabalho é um comentário da Lição 21 do Seminário sobre *O desejo e sua Interpretação* de Jacques Lacan. Nessa lição, intitulada *A forma do corte*, Lacan percorre a ideia de que a psicanálise se interessa pelo efeito-sujeito, indicando-a a partir da expressão freudiana "*Wo Es war, soll Ich werden*" e de seus desenvolvimentos a propósito da noção de fantasia, o que inclui o objeto *a*. O texto percorre essas noções para pensar o trabalho que se realiza numa análise.

Palavras-chave: Sujeito; Objeto *a*; Fantasia; Clínica psicanalítica.

"Là où C'était, [je] dois devenir" : commentaire de la leçon 21 du Séminaire 6 de Lacan: Cet article est un commentaire de la leçon 21 du séminaire de Jacques Lacan sur *Le désir et son interprétation*. Dans cette leçon, intitulée *La forme de la coupure*, Lacan développe l'idée que la psychanalyse s'intéresse à l'effet-sujet, en l'indiquant à partir de l'expression freudienne "*Wo Es war, soll Ich werden*" et de ses développements sur la notion de fantasme, qui inclut l'objet *a*. Le texte passe en revue ces notions afin de réfléchir au travail qui s'opère dans une analyse..

Mots clés: Sujet; Objet *a*; Fantasme; Clinique psychanalytique.

"Where Id was, [I] must become": commentary on Lesson 21 of Lacan's Seminar 6: This paper is a commentary on Lesson 21 of Jacques Lacan's Seminar on "Desire and its Interpretation". In this lesson, entitled "The form of the cut", Lacan goes through the idea that psychoanalysis is interested in the subject-effect, indicating this from the Freudian expression "*Wo Es war, soll Ich werden*" and its developments with regard to the notion of fantasy, which includes the object *a*. The text goes through these notions in order to think about the work that takes place in an analysis.

Keywords: Subject; Object *a*; Fantasy; Psychoanalytic clinic.

"Lá onde Isso era, [eu] devo devir": comentário sobre a Lição 21 do Seminário 6, de Lacan
Virgínia Célia Carvalho da Silva

"Quero ser bagunceiro porque sempre fui assim ou sou bagunceiro porque criei essa ideia e nunca fui bagunceiro?". Esse questionamento de um jovem analisante sobre ser ou não ser³, traz uma síntese do que podemos aprender com a lição *A forma do corte*, do Seminário sobre *O desejo e sua interpretação* (Lacan, 1958-1959/2016). Trata-se de uma lição que, embora considerada por Lacan (1958-1959/2016) como uma das sessões mais difíceis de todas, nos ensina muito sobre a clínica.

Nesse *Seminário 6*, Lacan (1958-1959/2016) é enfático ao marcar uma posição contrária à psicologia do Eu, delimitando a diferença entre a psicanálise lacaniana e as iniciativas de fortalecimento egóico. Atualmente, basta abrirmos as redes sociais para sermos metralhados por propagandas de cursos de autoajuda que ensinam um bom jeito de viver através de um *know-how* padronizado que, pelo que dizem, nos será rapidamente ensinado, caso estejamos preparados para "investirmos em nós mesmos". Como ganhar dinheiro rápido? Como ser bons pais? Como ter sucesso na carreira? Como bombar nas redes sociais?, etc. Uma pluralização de *coachings* com um saber prévio sobre todas as coisas.

A psicanálise não visa o Eu (*moi*) e sim o sujeito (*Je*). Essa ideia, enfatizada por Lacan (1958-1959/2016) nessa lição, é fruto da conversa que ele estabelece com a *Conferência XXXI*, de Freud (1933/1996d), que está no volume 12, intitulada na *ESB* como *A dissecação da personalidade psíquica*. Nessa Conferência, Freud (1933/1996d) apresenta elaborações que também considera "cansativas e talvez não muito esclarecedoras" (p. 83), mas que são decisivas para que possamos entender que a clínica psicanalítica é um trabalho com o inconsciente e não com o Eu. Essa é uma fineza da psicanálise, pois não é algo tão óbvio quanto parece sairmos da tentação do *furor curandis* em direção a um trabalho de construção que é do próprio analisante.

O que se busca numa análise, é, ao contrário, atravessar o plano das identificações. A demanda de "comportar" o menino bagunceiro é o que primeiro nos chega, mas João nos ensina que é preciso fazer uma leitura da função desse "bagunceiro", "encrenquina" e "agitado" para que seja possível a ele ser outra coisa: "Posso tentar ser o que eu quiser? É só tentar?", prossegue o menino.

Mas, não é simples isso de tentar ser outra coisa, porque a fantasia vai tornando tudo meio igual. O filme *Turma da Mônica Laços* mostra de um modo muito interessante como é difícil para cada um dos personagens mudar seu modo de ser. Em resposta à questão sobre o ser, surge a fantasia, que fixa a relação que o sujeito, dividido pelo significante, estabelece com o objeto. E essa fixidez é, ao mesmo tempo, móvel, como diz Lacan (1958-1959/2016, p. 417): "se a provocamos, não creiam que ela possa, assim, sem mais nem menos, deixar cair um de seus membros. Não existe exemplo de uma fantasia convenientemente atacada que não reaja reiterando sua forma de fantasia".

Ele fica dependente desse ponto em que ele se vê amado pelo Outro, o que faz Lacan

(1964/1998b) considerar a travessia da fantasia como um operador clínico do final de análise: a travessia do plano das identificações. A essa afirmação do *Seminário 11* de Lacan, Miller (2015) deu grande ênfase, esclarecendo-nos que para que se achesse a fantasia, é necessário construí-la, reduzi-la e desinvesti-la libidinalmente.

Na lição 21 que estamos trabalhando, Lacan (1958-1959/2016) diz que a fantasia tem função de pivô no funcionamento da análise. Ela não está somente no cerne da direção do tratamento, mas na raiz do próprio surgimento da psicanálise, pois ao dizer, em 1897, que não acreditava mais em sua neurótica, Freud (1892-1899/1996a) reconhece a importância da fantasia e do inconsciente como uma instância em que verdade e ficção coexistem lado a lado, o que o leva ao abandono da teoria da sedução. Passa a considerar a realidade psíquica como preponderante. É interessante notar que assim como nesse marco de 1897, na outra reviravolta da teoria psicanalítica, ocorrida em 1920, com o reconhecimento da pulsão de morte, seu *Mais além do Princípio de Prazer* (Freud, 1920/1996b) sucede cronologicamente o texto *Bate-se numa criança*, de 1919/2016, em que ele se dedica ao estudo de algo que se repetia no relato de seus pacientes: a “fantasia de surra”.

Em *Subversão do Sujeito e dialética do desejo*, Lacan (1960/1998a) aponta que a fantasia seria uma espécie de estojo do eu. Sua desestabilização produz angústia (Lacan, 1962-1963/2005) e até mesmo enlouquecimento (Maleval & Champanier, 1997) – como testemunhamos na clínica, quando vemos sujeitos extremamente angustiados por não estarem conseguindo reconhecer seu lugar em relação ao desejo do Outro.

Lacan (1958-1959/2016) nos mostra nessa Lição que é a partir do Outro que o sujeito se constitui. Ele vai buscar no Outro a satisfação de uma necessidade real. Isso nos lembra Freud (1950[1895]/1996e), no *Projeto para uma psicologia científica*, quando diz do grito do bebê e a ação específica do outro que irá produzir uma satisfação. O encontro com esse Outro, que o bebê enxerga como Onipotente pois é o que resolve suas necessidades iniciais, transmuta o grito em choro. Isso acontece porque esse endereçamento que tão cedo passa a ocorrer ao Outro transforma a satisfação das necessidades em demanda de amor.

Em um segundo momento, então, o sujeito interroga o Outro como sujeito, mas ele aparece para ele mesmo como sujeito, pois ele é sujeito para esse Outro (Lacan, 1958-1959/2016). O Outro torna-se, portanto, o tesouro dos significantes, um Outro da linguagem, lugar de articulação da fala. E é em relação à fala que o sujeito se constitui.

O Outro tem, portanto, uma função decisiva e Lacan nos mostra como isso se apresenta na análise: “a questão de saber se o sujeito pode ou não contar com algum Outro é o que determina o que encontramos de mais radical na modulação inconsciente do paciente, neurótico ou não” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 403). “O sujeito em questão se propõe como olhado pelo Outro e como podendo lhe responder em nome de uma tragédia comum” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 403). Essa é a tragédia do desejo, que Lacan (1958-1959/2016) trabalha tão bem na peça de *Hamlet* (Shakespeare, 1997). Este está às voltas com o desejo de sua mãe, o que o faz não saber se situar em relação à sua própria

posição. Isso vai até o ponto em que Hamlet se reconhece como o príncipe da Dinamarca, o que produz uma mudança na sua posição na trama. Esse desejo do Outro é obscuro, ou seja, o Outro responde ao sujeito para além do que ele mesmo formulou na sua demanda.

Lacan (1958-1959/2016) indica que para irmos para-além da fala, é necessário um passo a mais, o de nos encontrarmos com o vazio no Outro. É no *Seminário 6* que Lacan profere o aforisma “não há Outro do Outro” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 404). “Não há Outro do Outro” implica no reconhecimento de que não há garantia, ou seja, “nenhum significante possível garante a autenticidade da série dos significantes” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 404). Em outras palavras: “não há nada que, no nível do significante, garanta, autentique, como quer que seja, a cadeia significante e a fala. Por isso o sujeito depende essencialmente da boa vontade do Outro” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 404). Nesse sentido, “é como sujeito barrado que ele pode, que ele deve, que ele pretende encontrar a resposta” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 404). Mas, ele não chega a essa resposta pois, nesse nível, o que ele encontra no Outro é um buraco, um vazio. Vazio que podemos localizar nos testemunhos da experiência clínica, em relação às queixas ao Outro e ao que ele não ofereceu para o sujeito.

Assim, diante da ausência de garantias do Outro, o falasser transforma a falta no Outro em demanda. Lacan lembra que o neurótico está sempre esperando um pedido do Outro para poder se situar: transforma a falta em demanda.

É quando o sujeito se depara com esse vazio no Outro que entra em jogo a fantasia, que diz do modo como ele vai lidar com o objeto: “É nesse objeto que o sujeito encontra seu suporte no momento em que (se) evanesce ante a carência do significante que responda por seu lugar de sujeito no nível do Outro” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 404). Por isso a fantasia expressa ao mesmo tempo o corte – que é o corte do significante (corte entre o ser e o pensamento) e sua atadura. “Uma cicatriz!”, como disse Freud (1919/2016) no importante texto do *Bate-se numa criança*, do qual Lacan se serviu para construir suas elaborações sobre a fantasia, o que vinha fazendo desde o *Seminário 4*, sobre *A relação de objeto* (Lacan, 1956-1957/1995).

O que é uma cicatriz? Ela nos lembra da ferida que tivemos, mas é também o modo como nosso corpo reagiu a essa ferida, fechando-a. Desse modo, a fantasia apresenta essas duas dimensões: o corte e a defesa ao corte. Ela expressa a relação com aquilo que o sujeito extrai do Outro e ao mesmo tempo perde de si. A amamentação traz uma imagem interessante disso. O seio é do Outro, mas o sujeito toma para si como seu. No desmame, ele o perde. Mas, ao mesmo tempo, essa perda o permite introjetar a imago materna. Ou seja, “a imago materna é lembrada ao sujeito, com uma intensidade variável, cada vez [...] que uma perda de gozo intervém” (Miller, 1984, p. 1).

Isso é o objeto: “É nesse objeto que o sujeito encontra seu suporte no momento em que se evanesce ante a carência do significante que responda por seu lugar de sujeito no nível do Outro” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 404). A fantasia fixa alguns significantes na vida do *falasser*.

Nessa perspectiva, a fantasia “nada mais é que esse enfrentamento perpétuo entre o S barrado e o *a* minúsculo” (Lacan, 1958-1959/2016, p.404), o que expressa a conjugação de dois elementos que

são heterogêneos. A fórmula que Lacan (1958-1959/2016) escreve na página 393 para ela é: sujeito barrado punção de a: “A fórmula simbólica ($\$ \diamond a$) dá sua forma ao que chamo de fantasia fundamental”. Essa fórmula $\$ \diamond a$ denota uma dupla relação entre seus termos. O símbolo \diamond , punção, contém quatro dimensões: “^” inclusão, alienação; “v” exclusão, separação; “<” menor e “>” maior (Lacan, 1966-1967/2023).

Lê-se, portanto, sujeito barrado em junção e disjunção com o objeto. Estão presentes na fantasia tanto o sujeito em sua condição de *fading* em relação ao significante quanto o objeto. O “*fading*”, esse eclipse, é um termo retirado da comunicação para designar aquilo que se produz em um aparelho de reprodução da voz quando ela desaparece e reaparece em função de alguma variação própria à sua transmissão (Lacan, 1958-1959/2016). Desse modo, a cada vez que entra em jogo a noção de realidade, está implícito o objeto, pois há um movimento de busca disso que se perde pela entrada na ordem simbólica. Como o objeto não pode nunca ser apreendido no ponto onde se procura, apenas em outro lugar, já que nunca será o mesmo das primeiras experiências de satisfação, a relação do sujeito com o mundo gravita em torno da noção da falta do objeto.

Na lição sobre a *A forma do corte*, Lacan (1958-1959/2016) fala tanto do sujeito barrado como do objeto. Percorramos um pouco mais cada um deles.

O Sujeito barrado

No livro *Short Story*, Graciela Brodsky (2004) nos esclarece:

Lacan sempre situou o sujeito como um efeito, ligando-o a um ‘entre-dois’, um efeito da cadeia significante, ou seja, ao menos dois significantes. Se há algo que define o sujeito, isso é a indeterminação, a falta-à-ser. À diferença de um indivíduo que se supõe algo não divisível – é esse o sentido de ‘in-dividuo’, que não se divide -, um sujeito posto à prova no dispositivo analítico é alguém que verifica não saber o que diz, nem quem é. A histeria chega com esse cartão de visitas: a ideia de que tudo que diz tem um ponto de falsidade. Nem ela própria acredita no que diz, sente-se impostora e acha que isso não é assim. O obsessivo normalmente se apresenta de outro modo, inflado com seu eu, e a tarefa das entrevistas preliminares é conseguir que essa armadura egóica deflacione um pouco, para obter, algo nada fácil, o que chamamos o efeito de sujeito (p. 47).

A psicanálise visa, então, esse efeito de sujeito, por isso se interessa pelo corte. O corte que há entre o enunciado e a enunciação. Lacan (1958-1959/2016) explica esse ponto recorrendo ao famoso *Wo Es war, soll Ich werden* de Freud que ele propõe mudar a tradução para “onde Isso era, [eu] devo devir” (p. 406). Na edição da *Imago*, vemos essa frase do seguinte modo: “Onde estava o Id, ali estará o ego” (Freud, 1933/1996d, p. 84). Repetimos essa expressão, mas de que se trata? Retornemos a Freud.

Na sua *Conferência XXI*, de 1933/1996d, escrita dez anos após *O Eu e o Isso* (Freud, 1923/1996c), Freud nos oferece um esquema sobre o aparelho psíquico tentando considerar seu aspecto descritivo (ics, pré-cs, cs) e tópico (Eu, Isso e Supereu). Nela, Freud começa indicando que “os seres humanos não são simplesmente criaturas sexuais, mas têm, também, impulsos mais nobres e mais elevados” (Freud, 1933/1996d, p. 63). E que, “exaltados por sua consequência desses impulsos mais elevados, eles muitas vezes assumem o direito de pensar de modo absurdo e desprezar os fatos” (Freud, 1933/1996d, p. 63). Em outras palavras, os neuróticos montam castelos no ar.

Freud (1933/1996d) aponta para uma divisão do Eu, instância psíquica que serve a três senhores tirânicos, ao mesmo tempo: o mundo externo, o supereu e o Isso. Nesta importante conferência, traz indicações precisas sobre o que considera essas instâncias. Recortamos aqui alguns trechos.

O Isso é “a parte obscura, a parte inacessível de nossa personalidade” (Freud, 1933/1996d, p. 78). “Denominamo-lo caos, caldeirão cheio de agitação fervilhante. Descrevemo-lo como estando aberto, no seu extremo, a influências somáticas e como contendo dentro de si necessidades pulsionais que nele encontram expressão psíquica” (Freud, 1933/1996d, p. 78). E,

Está repleto de energias que a ele chegam das pulsões, porém não possui organização, não expressa uma vontade coletiva, mas somente uma luta pela consecução da satisfação das necessidades pulsionais, sujeita à observância do princípio de prazer.[...] Impulsos contrários existem lado a lado, sem que um anule o outro, ou sem que um diminua o outro: quando muito, podem convergir para formar conciliações, sob a pressão econômica dominante, com vistas à descarga de energia.[...] Não existe nada que corresponda à ideia de tempo; não há reconhecimento da passagem do tempo [...] no Isso. Não conhece nenhum julgamento de valores: não conhece o bem, nem o mal, nem moralidade. (Freud, 1933/1966d, p. 78).

Tudo o que existe no Isso são investimentos (catexias) libidinais que buscam descarga.

É uma Conferência muito clínica, em que Freud (1933/1996d) se atém bastante à função do supereu, essa instância que pode ser super severa, recriminando, insultando, humilhando e maltratando o eu, como ocorre na melancolia. Nessa perspectiva, o sentimento de culpa moral “é a expressão da tensão entre o eu e o supereu”, assim como o sentimento de inferioridade (Freud, 1933/1996d, p. 66).

O fenômeno da consciência, sempre incompleto, sistema Pcs-cs, é voltado para o mundo externo e parte da percepção daquilo que surge de fora. Nessa perspectiva, o órgão sensorial de todo o aparelho que é receptivo não só das excitações provenientes de fora, mas também daquelas que emergem do interior da mente. Nesse sentido, Freud (1933/1996d) conclui que o Eu

é aquela parte do Isso que se modificou pela proximidade e influência do mundo externo, que está adaptada para a recepção de estímulos, e adaptada como escudo protetor contra os

estímulos, comparável à camada cortical que circunda uma pequena massa de substância viva.
(p. 79)

O Eu teria a “tarefa de representar o mundo externo perante o Isso. Função de teste de realidade” (Freud, 1933/1996d, p. 80): “O Eu evolui da percepção das pulsões para o controle destas” (Freud, 1933/1996d, p. 81). Controle que se opera apenas no representante psíquico delas, deixando livre o afeto. “O eu, afinal, é apenas uma parte do Isso, uma parte que foi adequadamente modificada pela proximidade com o mundo externo, com sua ameaça de perigo” (Freud, 1933/1996d, p. 81).

Freud (1933/1996d, p. 81) afirma que “A relação do eu para com o Isso poderia ser comparada com a de um cavaleiro para com seu cavalo”. E que “A vida não é fácil! Se o Eu é obrigado a admitir sua fraqueza, ele irrompe em [angústia] – [angústia] realística referente ao mundo externo, [angústia] moral referente ao supereu e [angústia] neurótica referente à força das paixões do Isso” (Freud, 1933/1996d, p. 82). Essa ideia de que o Eu provém do Isso interessa Lacan (1958-1959/2016) na Lição 21, pois ele vai destacar o ponto de que o Eu (*Je*) é um devir. Vejamos, então, como Freud conclui sua *Conferência XXI*:

Seu propósito [o da psicanálise] é, na verdade, fortalecer o eu, fazê-lo mais independente do supereu, ampliar seu campo de percepção e expandir sua organização de maneira a poder assenhorar-se de novas partes do Isso. Onde estava o Isso, ali estará o Eu. É uma obra de cultura – não diferente da drenagem do *Zuider Zee* (Freud, 1933/1996d, p. 84).

O *Zuiderzee* (*Zuyderzee* ou *Zuyder Zee*) era uma baía rasa do Mar do Norte no noroeste da Holanda. Os chamados “países baixos” são constantemente inundados por se localizarem abaixo ou menos de um metro acima do mar. No século XVII, a Holanda realizou uma tentativa ousada de “domar o mar”, drenando o *Zuiderzee*. O “*Zuiderzee Works*” consistia na construção de uma grande barragem. O objetivo era proteger a região central dos países baixos dos efeitos do Mar do Norte, aumentar a oferta de alimentos pelo desenvolvimento de terras agrícolas na região, através de ilhas de solos férteis (*polders*), bem como melhorar a gestão de água, criando um lago de água doce a partir do mar (Nasa, 2021).

Essa tentativa de conter a fúria das marés, através de uma obra humana, explicita o dito popular de que “Deus construiu o mundo, mas os Holandeses construíram a Holanda” (BBC News, 2022). A obra chama a atenção de Freud que indica por aí o trabalho da psicanálise: um trabalho de escrita sobre as águas revoltas do Isso. No texto *Análise finita e a infinita*, de 1937, quando ele parece retomar essa discussão sem mencionar, pontua que “a diferenciação utópica para definir o que é Eu ou o que é o Isso perdeu muito de seu valor para nosso estudo” (Freud, 1937/2017, p. 347). Ele se questiona sobre algumas pessoas que demonstram uma “viscosidade da libido”, que as impede de liberar os investimentos libidinais de um objeto e transferirem para outro. Diferencia-as daquelas em que esses

investimentos transitam com muita facilidade, o que as permite se beneficiarem mais da análise, pois conseguem abdicar desses investimentos antigos em favor do que se constrói. Então, ele aponta que nos casos dessa viscosidade da libido, “temos a impressão de que não trabalhamos com argila, mas escrevemos sobre a água” (Freud, 1937/2017, p. 347).

Ao comentar essa passagem, Sérgio Laia (2017) propõe que:

Por lidar com palavras e verificar seus efeitos na causalidade dos sintomas e nos modos como eles são tratados, a clínica analítica pode ser concebida como uma escrita sobre as águas porque a fala é, tão ou mais que a água, essa matéria ao mesmo tempo fluida e incisiva com que operamos. (p. 393).

Trata-se, portanto, de uma dimensão que envolve fala, mas especialmente a escrita e a leitura. Para Lacan, a bela comparação de Freud com a Holanda e sua pacífica reconquista sobre o Zuyderzee, de terras submersas, expressa a necessidade de ganharmos terreno na realização da Grande Obra analítica que se faz no campo do inconsciente.

Lacan toma o *Wo es war soll Ich werden*, “Lá onde Isso era, [eu] devo devir”, ressaltando que esse Eu que advém é o Eu tomado como sujeito da frase, o Eu da enunciação: “Lá onde Isso era, é lá onde Isso fala, ou seja, no instante anterior, havia algo que é o desejo inconsciente” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 405). Ele propõe, então, que o sujeito é um devir e que esse eu sujeito da frase é o que a análise visa:

Esse [eu] é o objetivo, o fim, o termo da análise antes que ele se nomeie, se forme, se articule – desde que algum dia o faça, pois também o *soll Ich werden* da fórmula freudiana deve ser entendido como um devo [eu devir]. O [eu] é o sujeito de um devir, de um dever que nos é proposto. (Lacan, 1958-1959, p. 405).

Ou seja, no instante anterior ao da enunciação, está o desejo inconsciente. E é esse o ponto visado na análise. Esse desejo que não é passível de normatização e nem de amadurecimento. E, o desejo é sustentado pela coexistência e oposição de dois termos: o S barrado e o a minúsculo: “O sujeito, no ponto em que se interroga como sujeito barrado, só consegue se sustentar numa série de termos que chamamos aqui de *a* enquanto objetos na fantasia” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 409).

O objeto *a*

O que é o objeto *a*?

Nessa lição do *Seminário 6*, Lacan (1958-1959/2016) começa a reconhecer a dimensão real no objeto. Mais tarde, ao retomar essa questão do *Wo Es war* freudiano, em *La logique du fantasme*, explica que o sujeito nasce com uma qualidade de conjunto vazio e busca uma representação no campo

do Outro. Essa representação deixa uma falta que ele tenta complementar buscando um objeto no Outro. Nesse sentido, a operação de alienação no Outro, ao mesmo tempo que produz uma mortificação do sujeito pelo significante, deixa um resto vivo que é o objeto *a*, índice de sua separação. Esse *a* é o que Lacan nomeia como resultante de uma "operação de estrutura lógica": "o seio, o cíbalo, o olhar, a voz, essas peças destacáveis e, contudo, fundamentalmente religadas ao corpo" (Lacan, 1958-1959/2016, p. 15). Esses quatro são "substâncias episódicas" do objeto *a*. O objeto *a* é um oco, uma hiância que esses objetos oral, anal, escópico e vocal visariam preencher, funcionando como tampão (Lacan, 1969/1992).

Para ser considerado objeto, é preciso que seja destacável. Por isso a respiração não é considerada como um objeto. Se a destacamos do campo do sujeito, ele morre – triste realidade que pudemos acompanhar de perto na pandemia. As diferentes formas do objeto cumprem com a função de serem os significantes que "o sujeito extrai de sua própria substância para sustentar diante de si o buraco, a ausência do significante no nível da cadeia inconsciente" (Lacan, 1958-1959/2016, p. 410). Nesse sentido, o objeto é o próprio corte. Diante do ponto de pânico, o sujeito se apega ao objeto.

"Aquilo de que se alimenta separa-se" do bebê. Esse objeto do desmame é a rigor, um corte. Separa-se das fezes e vemos na clínica como esse objeto ganha um investimento libidinal que pode trazer sintomas diversos. Lacan (1958-1959/2016) indica também que "no nível do complexo de castração, encontramos uma outra forma para o *a* minúsculo, que é a mutilação" (p. 412). Para que seja possível fazer uso do falo é necessário que "se separe de alguma parte dele mesmo, que seja capaz de se mutilar" (Lacan, 1958-1959/2016, p. 412). O falo não se reduz ao pênis. Não obstante, esse órgão indica bem o jogo da falta: "tudo ou nada, poder absoluto ao longo de alguns minutos e representante flácido, detumescente, da potência perdida no restante do tempo" (Vieira, 2008, p. 92). Para lidar com a tumescência, é preciso consentir com a detumescência.

Sobre a voz, assim como Freud recorre à psicose para entender o supereu, Lacan o faz para evidenciar a função recortada desse objeto. Na fantasia, o sujeito mantém o objeto à distância. Isso o protege da angústia, que evidencia a presença do objeto *a* e a "falta da falta" (Lacan, 1962-1963/2005). Coelho dos Santos (1994) nos ajuda a esclarecer que:

A angústia não é sem objeto e sim é angústia diante do aparecimento no campo imaginário deste "objeto *a*" estruturalmente impróprio à imaginarização. Esse seria, ainda de acordo com Lacan, o verdadeiro sentido da "perda do objeto" de que fala Freud, sua redução a um objeto imaginário (p. 2).

De acordo com essa ideia, podemos considerar que a "falta da falta" ocorre quando um objeto impróprio à imaginarização especular nos é dado à percepção. Nesse sentido, ela indica que o objeto *a* na cena da realidade está sempre velado sob o objeto comum. A fantasia tem uma outra dimensão imaginária, - o que Freud nomeou de selva das fantasias – lugar preservado da intervenção da cultura

(castração) (Silva, 2014). Mas, ela também se apresenta numa dimensão simbólica, de roteiro, de uma certa história que o neurótico se conta pra lidar com a castração. Há, ainda sua dimensão real, de resíduo imodificável.

Então, ao mesmo tempo que ela tampona o real, é o que permite ao sujeito lidar com ele. Naveau (2011) indica que a fantasia é “uma tela que fecha ao sujeito o acesso ao real e, inversamente, uma janela que abre, para o sujeito, um ponto de vista sobre o real em questão” (p. 156). Pensada como tela (*écran*), estaria a dimensão de “evitamento do real” fazendo-lhe barreira. Como janela (*fenêtre*), seria uma abertura que denota em si mesma a conexão entre o sujeito e o real, mesmo que através dos limites do enquadramento fantasístico.

Na discussão final da lição *A forma do corte*, Lacan (1958-1959/2016) se questiona sobre a interpretação da fantasia. Ele não diz claramente, mas finaliza apontando a interpretação no campo do desejo. O desejo é uma interpretação! Mas, para se chegar a essa interpretação – isso não está ainda no Seminário, mas pode ser inferido – é preciso atravessar essa fantasia, o que requer sua construção e redução.

Lacan (1958-1959/2016) conclui essa lição com a aposta de contarmos na clínica com a interpretação que o próprio desejo já é. Ele indica na lição seguinte que “a fantasia é o ponto de amarração concreto onde atracamos nas margens do inconsciente” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 424). Escrever sobre as águas é poder localizar esse cais, mas para que seja possível nos lançarmos ao mar.

Podemos finalizar com Milton Nascimento e Ronaldo Bastos (2023), indicando que se trata de um trabalho de invenção, tal como a Obra de *Zuiderzee*:

Para quem quer se soltar
Invento o cais
Invento mais que a solidão me dá
Invento lua nova a clarear
Invento o amor
E sei a dor de encontrar

Eu queria ser feliz
Invento o mar
Invento em mim o sonhador

Para quem quer me seguir
Eu quero mais
Tenho o caminho do que sempre quis
E um saveiro pronto pra partir
Invento o cais

E sei a vez de me lançar

Notas:

1. Essa expressão refere-se ao seguinte trecho do *Seminário 6* de Lacan: "Retomemos, por exemplo, o *Wo Es war, soll Ich Werden* / Onde Isso era [eu] devo devir [...] Esse [eu] é o sujeito de um devir, de um dever que nos é proposto" (Lacan, 1958-1959/2016, p. 405). À esse propósito, veja também a página 100, do *Seminário 14* (Lacan, 2023).
2. Esse texto é uma adaptação da conferência ministrada nas 57^o Lições Introdutórias à Psicanálise, no Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais, no ano de 2022.
3. Lacan, 1958-1959/2016, p. 405.
4. Na letra de Shakespeare, Hamlet formaliza essa questão da seguinte maneira: "Ser ou não ser – eis a questão. Será mais nobre sofrer na alma pedradas e flechadas do destino feroz ou pegar em armas contra o mar de angústias e, combatendo-o, dar-lhe fim?" (Shakespeare, 1997, p. 51).
5. "O aparelho da peça Hamlet é uma espécie de rede, de arapuca em que o desejo do homem é pego" (Lacan, 1958-1959/2016, p. 279). Por essa razão, Hamlet é "a tragédia do desejo" (Lacan, 1958-1959/2016, p. 271).

Referências Bibliográficas

- Brodsky, G. (2004). *Short story: os princípios do ato analítico*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Coelho dos Santos, T. (1994). A angústia na teoria e na clínica psicanalítica. *Tempo Psicanalítico*, 27, 45-59.
- Freud, S. (1996a). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – ESB* (Vol. 1, pp. 223-338). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1892-1899).
- Freud, S. (1996b). Além do princípio de prazer. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 17-72). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (1996c). O Ego e o Id. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 13-82). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (1996d). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol 22, pp 15-175). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1933).

- Freud, S. (1996e). Projeto para uma psicologia científica. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – ESB* (Vol. 1, pp. 355-466). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950[1895]).
- Freud, S. (2016). Bate-se numa criança: uma contribuição para o estudo da origem das perversões sexuais. In G. Iannini (Ed.), *Neurose, Psicose, Perversão - Obras Incompletas de Sigmund Freud* (M. R. S. Moraes, Trad., Vol. 5, pp. 285-311). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1919).
- Freud, S. (2017). Análise finita e a infinita. In G. Iannini (Ed.), *Fundamentos da Clínica Psicanalítica - Obras Incompletas de Sigmund Freud* (M. R. S. Moraes, Trad., Vol. 6, pp. 315-364). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1937).
- Lacan, J. (1992). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969).
- Lacan, J. (1995). *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1956-1957).
- Lacan, J. (1998a). Subversão do sujeito e dialética do desejo. In *Escritos* (pp. 807-842). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1960).
- Lacan, J. (1998b). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, J. (2005). *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963).
- Lacan, J. (2016). *O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958-1959).
- Lacan, J. (2023). *Le séminaire, livre XIV: La logique du fantasme*. Paris: Éditions du seuil & Le Champ Freudien. (Trabalho original publicado em 1966-1967).
- Laia, S. (2017) Fundamentos da Clínica. In: G. Iannini (Ed.), *Fundamentos da Clínica Psicanalítica (Obras Incompletas de Sigmund Freud)*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Maleval, J-C., & Champanier, J.P. (1997). *Loucuras Históricas e Psicoses Dissociativas*. México: Paidós.
- Miller, J-A. (1984). Leitura crítica dos “Complexos familiares”, de Jacques Lacan. *Opção Lacaniana Online*.
- Miller, J-A. (2015). *O osso de uma análise + O inconsciente e o corpo falante*. Rio de Janeiro: JZE.
- Nascimento, M., & Bastos, R. (2023). Cais. Recuperado de <https://miltonnascimento.com.br>
- Naveau, P. (2011). Fantasia. In *A ordem simbólica no século XXI não é mais o que era*. Belo Horizonte: Scriptum.
- NASA (2021). Zuiderzee Works. Recuperado de <http://earthobservatory.nasa.gov>.
- Shakespeare, W. (1997). *Hamlet* (M. Fernandes, trad.) São Paulo: L e PM Pocket.

Silva, V. C. C. da. (2014). *Da selva imaginária à fantasia fundamental: variações sobre a lógica da fantasia em Freud* (Dissertação de Mestrado), FAFICH, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.

Vieira, M. A. (1998). Sobre o falocentrismo (ou Notas de psicanálise, sexo e política, primeira parte). In *AMP Blog*. Recuperado de <https://uqbarwapol.com/sobre-o-falocentrismo-ou-notas-de-psicanalise-sexo-e-politica-primeira-parte-marcus-andre-vieira-ebp/>

Citação/Citation: Silva, V. C. C. da (mai. 2023 a out. 2023). "Lá onde Isso era, [eu] devo devir": comentário sobre a Lição 21 do *Seminário 6*, de Lacan. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 18(36), 30-42. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2023v18n36p30-42.

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/ Received: 01/09/2023 / 09/01/2023.

Aceito/ Accepted: 14/09/2023 / 09/14/2023.

Copyright: © 2023. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.